

VÍDEO

Os SUSPEITOS CHEGA ÀS LO-
CADORAS COM ROTEIRO EN-
GENHOSO E ÓTIMOS ATORES.

2

SHOW

O ROQUEIRO AMERICANO LOU
REED DÁ AULA DE ROCK PARA
OS QUARENTÕES CARIOCAS.

3

DOIS

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, segunda-feira, 9 de setembro de 1996

DF - Cultura

AGONIA E ÊXTASE

A SUPERLOTAÇÃO NO GINÁSIO NILSON NELSON COMPROMETEU A ESTRÉIA NACIONAL DA ÓPERA O GUARANI. MAS A QUALIDADE TÉCNICA DO SOPRANO ANITA SELVAGGIO (CECI) E A EXUBERÂNCIA DA CENOGRAFIA DE JOÃOSINHO TRINTA GARANTIRAM O BRILHO DO ESPETÁCULO.

José Rezende Jr.
Da equipe do Correio

E Brasília viu Peri beijar Ceci. Mas foi um beijo sofrido.

Quem conseguiu entrar no Nilson Nelson para ver *O Guarani*, no sábado, aplaudiu de pé. Mas quem pagou e ficou de fora do ginásio superlotado, brigou — e vai continuar brigando muito — para ter o dinheiro de volta. E virou personagem de uma outra ópera, ainda mais longa que as 3 horas e 20 minutos da montagem dirigida por Joãozinho Trinta.

“Isso aqui não é *O Guarani*. É a ópera do malandro”, resumia, indignada, a funcionária pública Claudia Bianchini, que pagou R\$ 30,00, chegou às 19h, enfrentou uma hora de fila e acabou espremida no portão que teoricamente daria acesso à arquibancada central. Sem ver a ópera de Carlos Gomes.

Algumas pessoas não consegui-

ram entrar, outras ultrapassaram a porta, mas acabaram presas numa espécie de limbo: não podiam nem avançar nem recuar, como a bancária Norma Lorenzi e sua barriga de oito meses.

“Achei que ia morrer”, lembra. Os barrados na ópera começaram a esmurrar a porta, vaiar e gritar palavras de ordem como “Dinheiro! Dinheiro!”. E durante boa parte do primeiro ato, o tenor Maurizio Graziani (Peri) e o soprano Anita Selvaggio (Ceci), italianos, tiveram que disputar audiência com a voz da indignação brasileira, que vinha do lado de fora.

“Nunca vi nada parecido, em 34 anos de carreira. Foi uma tragédia”, lamentava, no intervalo do terceiro ato, o maestro italiano Francesco La Vecchia, que pensou em interromper a apresentação.

“Ninguém tem direito de fazer barulho durante a música, mesmo ten-

do toda a razão do mundo. Quando toca uma sinfonia, até o maior dos revolucionários fica silente”, ensinava o maestro.

SEM-ÓPERA

Já recuperados do trauma, o tenor Maurizio Graziani, com um perfil algo arredondado demais para um bravo guerreiro guarani, aproveitava o intervalo para comer bananas e biscoitos de maisena. Já a soprano Anita Selvaggio penteava sua cabeleira loira de Ceci e bebia um litro de *laranja*.

Enquanto isso, as professoras Reuza Veloso e Cristiane Araújo iam embora após assistir aos dois primeiros atos em pé, espremidas.

As irmãs Adriana, 19 anos, e Juliana Barros, 15, também assistiram ao primeiro ato em pé. E, do segundo em diante, sentadas no chão de cimento, com as testas grudadas no parapeito de ferro da arquibancada.

Mas valeram todas as penas.

“É um espetáculo maravilhoso, apesar da história fora da realidade: vê se, naquele tempo, uma menina branca ia se envolver com um índio? E o Peri não está um pouco gordo?”, questionava Adriana.

Do lado de fora, a luta continuava. Enquanto alguns consumidores lesados iam dar queixa na 2ª Delegacia de Polícia, outro grupo corria de um lado para o outro em busca de uma solução.

Somente às 22h, o produtor do espetáculo, o paulista Galvão Maurício, aceitou receber uma comissão dos *sem-ópera*. Após breve negociação, cerca de 40 pessoas receberam o dinheiro de volta. Mas ninguém voltou para casa propriamente satisfeito.

“Saí de casa para ver uma ópera, agora vou voltar para ver o Mike Tyson bater no outro cara”, ironizava o juiz Américo Bianchini.

Pior do que ver a marmelada de

Tyson foi não conseguir recuperar o dinheiro e ter que voltar no dia seguinte (ontem), para mais um *round* de confusão.

A promessa da produção, feita na véspera, era a de ou trocar os ingressos para a récita de ontem ou devolver o dinheiro.

Ontem, desde as 9h, já tinha fila na bilheteria do ginásio, mas o produtor Galvão Maurício só apareceu às 13h30. E com novas regras para o jogo: quem preferisse trocar o ingresso para a apresentação de ontem, podia. Mas quem quisesse o dinheiro de volta, vai ter que ir ao Procon, com o ingresso e a carteira de identidade.

Galvão alega que é para evitar que os cambistas se aproveitem da situação. Ontem, quatro deles foram presos tentando desovar o estoque encalhado da véspera. Mas os justos acabaram pagando pelos pecadores:

“Ontem (sábado), não consegui entrar. Hoje (ontem), estou aqui há

mais de quatro horas, tentando pegar meu dinheiro de volta. Não me devolvem e nem me deixam vender os ingressos. É um abuso, um desrespeito”, reclamava a funcionária pública Bianca Campos, que mora no Guarã.

O produtor tem três alternativas para justificar a desorganização: ou o ginásio tem capacidade bem menor do que dizem ter (12 mil pessoas, com o palco), ou falsificaram bilhetes, ou alguns bilheteiros repassaram os ingressos — inclusive de cortesia — para cambistas.

Ele afirma que não vendeu sequer um bilhete a mais.

“Tenho documentado: vendi 7.500 ingressos”, garantia o produtor, na noite de sábado, ao *Correio Brasileiro*.

“Tenho documentado: vendi 9.500 ingressos”, garantia, ontem de manhã, o mesmo produtor ao mesmo *Correio Brasileiro*.

VIPS ELOGIAM A MONTAGEM

Irlam Rocha Lima
Da equipe do Correio

O governador Cristovam Buarque exaltou “a competência e a qualidade” da montagem, “com a marca registrada de Joãozinho Trinta”. Luiz Felipe Lampreia, o chanceler, disse que Brasília estava de parabéns. A vice-presidente da Embratur, Márcia Kubistchek, fez rasgados elogios ao soprano Anita Selvaggio, à Orquestra Filarmônica da Romênia, e à iluminação.

Resumo da ópera: em sua estréia nacional, *O Guarani* fez o maior sucesso entre as celebridades. Eles se dividiam entre o setor *Vip* (em frente ao palco) e o camarote das autoridades.

Para sentar em cadeiras estofadas brancas e ver o espetáculo mais de perto, os *vips* pagaram R\$ 120,00 pelo ingresso. Entre eles haviam vários *socialites* e colunáveis, como Mônica Paes de Andrade, filha do ex-presidente da Câmara dos Deputados, que comandava um grupo animado.

No intervalo entre o segundo e o terceiro ato, Joãozinho Trinta deixou seu posto na primeira fila e foi até o camarote das autoridades, levando com ele os caciques xavantes Tseteto e Guaraci, da aldeia Apowe, em Mato Grosso, apresentando-os ao governador e seus convidados.

Cristovam procurava justificar o tumulto inicial dizendo que as pessoas “formaram uma expectativa muito grande em relação ao espetáculo e como não conseguiram entrar no ginásio protestaram”. Enquanto isso, garçons serviam água, refrigerante, uísque e salgadinhos.

Entre os convidados de Cristovam, os únicos a não assistir *O Guarani* até o final foram o chanceler Luiz Felipe Lampreia e a embaixatriz Lenir Lampreia, que saíram ao final do segundo ato.

O procurador geral da República, Geraldo Brindeiro; o presidente do Superior Tribunal de Justiça, Romildo Bueno; Catarina Malan, mulher do ministro da Fazenda Pedro Malan; e os embaixadores da Itália, Romênia, França, Suécia, China, Kuwait e Guatemala, resistiram bravamente aos quatro atos.

Entusiasmados, aplaudiam os solos dos protagonistas, a performance da orquestra, coral e bailarinos; e o desempenho dos figurantes. O secretário de Cultura, Silvio Tendler, comentava: “Brasília não precisa mais ficar pedindo desculpas. Seus artistas mostraram neste espetáculo do que são capazes.”

Foto: Jorge Cardoso



O soprano italiano Anita Selvaggio, no principal papel feminino da ópera *O Guarani*, conquistou o público brasileiro como Ceci e recebeu aplausos demorados no final do espetáculo